

REPRESENTAÇÃO DO PROFESSOR NO ROMANCE *ABDIAS*, DE CYRO DOS ANJOS

ROCHA FILHO, Ulysses (UFG/FL - FAPEG)
Universidade Federal de Goiás
ulysses.rochafilho@gmail.com

Resumo: A nossa discussão perpassará sobre o discurso e a presença do professor - protagonista - no romance brasileiro *Abdias* (1945), do mineiro Cyro dos Anjos: fio condutor para esta discussão. Iniciador dos processos de aprendizagem, auxiliando nas atividades discentes, o professor tem, como função, ser intermediário entre os pais e a futuro da sociedade. Segundo BACK: *Bom professor é aquele que vai do fácil para o difícil; coloca-se ao nível dos alunos e procura elevá-los; ensina com paciência e carinho infinitos* (1987, p.172/3). Destarte, objetivamos o resgate da história do discurso desse e outros personagens Professores e/ou Educadores brasileiros (Berta, Aristarco, Dona Benta, Abdias etc) - pois não existe prática sem sujeito - e para que sejam referências aos (atuais) profissionais da educação, questionando e incentivando-os a ir além de suas limitações burocráticas, buscando um intercâmbio interdisciplinar, uma transformação social a partir de textos teóricos da educação e textos literários. A presente interlocução, baseada nos preceitos literários e pedagógicos, é produto parcial do projeto de pesquisa *A figura do professor na literatura brasileira* – primeiros momentos, registrada sob nº 29568/SAPP-UFG.

Palavras-chave: literatura e ensino da língua; Cyro dos Anjos; letramento literário.

Partindo do pressuposto de que “toda prática discursiva está inscrita no complexo contraditório-desigual-sobredeterminado das formações discursivas que caracteriza a instância ideológica em condições históricas dadas” (PÊCHEUX, 1975, 213) e de que não existe prática sem sujeito, Pêcheux apresenta as diferentes modalidades de desdobramento entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal,

apontando para a questão do efeito do complexo das formações discursivas na forma-sujeito¹.

Este artigo é um recorte de obras da literatura brasileira, em especial o romance *Abdias* (1945), que apresentam protagonistas como personagens professores, incluindo métodos de ensino e como se desenvolveu o processo histórico da educação brasileira além de uma visão parcial de um professor frente a sala de aula em idos de reclusão e censuras morais.

Profissionais do ensino que pertençam ao sexo masculino são poucos e freqüentam sobretudo a literatura do século XIX; sua caracterização pode ser cotejada ao modo como aparecem em relatos de memórias da mesma época. O provavelmente mais antigo (e nem protagonista é) deles figura em *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, e caracterizam-no a aparência física desagradável, a desarrumação da sala de aula, a pedagogia apoiada na violência exercida contra as crianças e na repetição de conteúdos:

Era esse um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho de carinha estreita e chupada, excessivamente calvo; usava de óculos, tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discípulos por *dá cá aquela palha*. Por isso era um dos mais acreditados na cidade. (...) Era um sábado: (...) chegaram os dois exatamente na hora da tabuada cantada. Era uma espécie de ladainha de números que se usava então nos colégios, cantada todos os sábados em uma espécie de *cantochão* monótono e insuportável, mas de que os meninos gostavam muito.

As vozes dos meninos, juntas ao canto dos passarinhos, faziam uma algazarra de doer os ouvidos; o mestre, acostumado àquilo, escutava impassível, com uma enorme palmatória na mão, e o menor erro que algum dos discípulos cometia não lhe escapava no meio de todo aquele barulho; fazia parar o canto, chamava o infeliz, emendava cantando o erro cometido, e cascava-lhe pelo menos seis puxados bolos. Era o regente da orquestra ensinando a marcar o compasso. (ALMEIDA, 1963. p. 55-56.)

Os analistas da educação brasileira afirmam que somente no final do Império e começo da República delineia-se uma política educacional, fruto do fortalecimento do Estado. Até então, a política educacional era feita quase que exclusivamente no âmbito

¹ A palavra sujeito em Foucault pode ser entendida de duas formas específicas: “*sujeito a alguém pelo controle e dependência, e preso à sua própria identidade por uma consciência ou autoconhecimento*”. Nos dois casos há uma forma de poder que tem sob domínio o indivíduo, tornando-o sujeito a, ou seja, sujeitado a algo.

da sociedade civil, pela Igreja Católica. Durante a Colônia (1500-1822), a educação assegurava o domínio dos portugueses sobre os índios e negros escravos. No final deste período e durante o Império (1822-1889), delineia-se uma estrutura de classes, e a educação, além de reproduzir a ideologia, passa a reproduzir também a estrutura de classes. A partir da Primeira República (1889-1930), ela passa a ser paulatinamente valorizada como instrumento reprodutivo das relações de produção.

Abdias, protagonista do romance homônimo de Cyro dos Anjos (1906-1994)², é professor, encarregado de dar aulas de literatura às jovens estudantes do Colégio das Ursulinas, escola de elite, “estabelecimento de luxo, fundado adrede para receber moças da alta burguesia” (ANJOS, *Abdias*, p. 13), conforme explica o narrador em primeira pessoa.

Certo Abdias, meu conhecido, não terá muitos motivos para amá-lo. Só lhe deu o sonho, e nada mais.

E um sonho que nem como sonho se realiza, porque às ilhargas do meu Quixote foi cosido um Sancho.

Fiquem, porém, para outro ensejo as incriminações. Devo falar é da aluna Gabriela, que é rebelde mas bonita, e não do mofino Professor Abdias, substituto do velho Sisenando. (ANJOS, 1963, p. 18)

² Cyro dos Anjos (C. Versiani dos A.), jornalista, professor, cronista, romancista, ensaísta e memorialista, nasceu em Montes Claros, MG, em 5 de outubro de 1906, e faleceu no Rio de Janeiro, RJ, em 4 de agosto de 1994. Em 1933, como redator de *A Tribuna*, publicou uma série de crônicas que seriam o germe do seu mais famoso romance, *O amanuense Belmiro* (1937), de análise psicológica, escrito na linha machadiana, explorando a vida de um funcionário público da capital mineira. Em Portugal, publicou o ensaio *A criação literária* (1954). Em fins de 1955, regressou ao Brasil, e, em 1957, foi nomeado subchefe do gabinete civil da Presidência da República. Com o governo Kubitschek, transferiu-se para Brasília, onde exerceu, depois, as funções de conselheiro do Tribunal de Contas e de professor da Universidade. Participou da Comissão designada pelo Governo Federal, em 1960, para planejar a Universidade Nacional do Brasília, vindo a ocupar a função de coordenador do Instituto de Letras da mesma Universidade. Ali regeu, na qualidade de professor titular extraordinário, em 1962, o curso "Oficina Literária". Aposentado em 1976, voltou a residir no Rio. Não se desligou das atividades do ensino, continuando a ministrar, na Faculdade da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o curso "Oficina Literária". Recebeu os seguintes prêmios literários: da Academia Brasileira de Letras, pelo romance *Abdias* (1945); do PEN-Clube do Brasil e da Câmara Brasileira do Livro, pelos livros *Explorações no tempo* (1963) e *A menina do sobrado* (1979). Obras: *O amanuense Belmiro*, romance (1937); *Abdias*, romance (1945); *A criação literária*, ensaio (1954); *Montanha*, romance (1956); *Explorações no tempo*, memórias (1963; com o texto revisto, passou a integrar *A menina do sobrado*, sob o título de "Santana do Rio Verde"); *Poemas coronários* (1964); *A menina do sobrado*, memórias (1979). Seu romance *O amanuense Belmiro* foi traduzido para o inglês e o francês. <http://www.biblio.com.br/default.asp?link=http://www.biblio.com.br/conteudo/biografias/cyrodosanjos.htm>

Convidado para ministrar um curso de extensão para as moças que completavam seus estudos, enquanto aguardavam o casamento, a Abdias compete construir um programa em torno às literaturas em língua portuguesa. Explica o narrador nas primeiras páginas do romance:

Como lhe perguntasse a razão dessa iniciativa, Mère Blandine esclareceu que as moças se formavam cedo demais e com insuficiente preparo. Deixavam o Colégio com quinze ou dezesseis anos e, em geral, ficavam sem o que fazer em casa, até que arrajassem casamento. Com o novo curso, pretendiam as Ursulinas resolver, em parte, esse problema que as mães enfrentavam ao saírem as filhas dos ginásios. Era de dois anos, e proporcionava conhecimentos, mais especializados, de artes e letras. (...) Desejava dar-me a cadeira de literatura portuguesa e brasileira. (ANJOS, 1963, p. 3-4)

Publicado de 1945, *Abdias* centra-se na trajetória do professor que, ensinando literatura, encantando-se com o tema e, particularmente, com uma das alunas, figura que passa a ocupar a trama romanesca até seu final. Na parte romanesca, oscilará entre sua aluna e a esposa Carlota:

Quanto Carlota fez por mim! Eu era indeciso, tímido, incapaz de enfrentar a vida. Ela transformou-me um ser útil, ajudando-me a vencer minhas dúvidas e dissipar o sentimento de inferioridade que me tolhia e angustiava. Como retribuí seu amor e sua sobre-humana dedicação à primeira fantasia que me veio, desfiz-me dela, moralmente, rompendo os laços que nos prendiam... (ANJOS, 1963, p. 168)

Interessante ressaltar que o autor, Cyro dos Anjos³, foi, ele mesmo, professor, tendo lecionado, entre 1940 e 1946, Literatura Portuguesa na Faculdade de Filosofia de Minas Gerais. Poderíamos cogitar que, em *Abdias*, ele tenha registrado sua prática docente ou suas aspirações no exercício do magistério. Em outra perspectiva, o local onde a ação se passa – o Colégio das Ursulinas – pode ter sido criado a partir da experiência escolar de Cyro dos Anjos. Sendo uma obra que exercita o fazer poético

³ O romance de Cyro dos Anjos é escrito sob a perspectiva de diário ou de anotações pontuais sobre os imbróglis, as incertezas, as preocupações e as especulações diárias da vida de um personagem masculino. Aliás, seus dois romances principais (*Abdias e O Amanuense Belmiro*) optam pela mesma técnica narrativa, da imitação de um diário.

(metalinguagem), um escritor que se propõe a relatar sua vida, seria _ de fato _ uma confissão literária. Em suas memórias, ele (o personagem Abdias, não o escritor Cyro) relembra ao leitor a seguinte cena do colégio que pode ser visitado até os dias de hoje, virtualmente ou não, na cidade de Belo Horizonte (MG):

Volto, agora, ao Colégio, para anotar que ali já me encontrava em fins de 1910, aos quatro anos, segundo a data que se lê numa fotografia coletiva, tirada com as freiras. Mesclam-se imagens, em célere desfile: o casarão com o mirante; o pátio de árvores imensas, a cuja sombra a gente brincava durante o recreio; Soeur Blanche, pálida e esguia; Soeur Blandine, rechonchuda e risonha; a superiora de ares sobranceiros; o teatro em que fiz papel de borboleta, com enormes asas, a voar em torno duma barrica... (ANJOS, 1963, p. 128)

No processo dialético entre texto e leitura, às vezes, é difícil a um leitor elaborar significações próximas às imaginadas pelo autor, tendo em vista os diferentes tipos de experiências pessoais e sociais. Escritor e leitor trabalham produzindo e consumindo continuamente. O escritor consome experiências e vivências – emoções, linguagem, memória – e produz o texto, fruto de um complexo sistema de opções determinado por seus valores. O leitor também consome e produz no ato da leitura: consome o texto objetivado pelo escritor e produz significações para o mesmo. Como um resultado de escolhas, tanto autor quanto leitor, a partir de suas experiências e vivências, constroem as representações do real, de acordo com dada concepção de mundo. Portanto, o discurso não é neutro.

É sempre um desafio percorrer os meandros da linguagem, mais desafiante ainda é percorrer estes espaços sob o viés interdisciplinar. Ao tratar das relações intertextuais na narrativa dita moderna, há de se esclarecer alguns conceitos teóricos sobre a intertextualidade, sobre a polifonia e o dialogismo. Mas, para tanto, sempre é preciso lançar mão de conceitos que pertencem ao âmbito da Lingüística Textual, Análise do Discurso, da Gramática e da Teoria Literária.

Um estudo sobre os processos intertextuais e polifônicos remeterá, obrigatoriamente, a Mikhail Bakhtin _ teórico fundamental da língua e da literatura. Em seus escritos, nota-se sua preocupação em mostrar o quanto a linguagem tem de

dialógica, uma vez que Bakhtin não vê a língua como um sistema abstrato, mas como uma criação coletiva, parte de um diálogo cumulativo entre o “eu” e o “outro”.

No contexto da tríade magistério, jornal e emprego público (tão comum à história literária do Brasil)⁴ oferecida na primeira metade do século XX no Brasil ao intelectual amansado, Abdias, advogado sem entusiasmo, casado e “pai de família”, vê o convite para dar aulas num colégio de meninas ricas com expectativa e vaidade intelectual. Com sua vida conturbada pela paixão (sempre será mencionada) platônica ambigualmente correspondida por uma aluna de dezessete anos, o que não deixa de corresponder à emergência das paixões políticas, econômicas, sociais, culturais e urbanas que marcam a época (e, portanto, o livro), às vésperas da Segunda Guerra. Mas o Professor está em sala de aula, deve ensinar literatura portuguesa para suas alunas e, minimamente, dar vazão a esse sentimento.

Abdias abre o programa com o cancionero medieval, confiando em que “o galante El-Rei D. Denis ainda hoje agrada ao belo sexo.” (p. 9) Mas, sabedor que “as moças achar[i]am pouco interesse nos cancioneros”, investe naquelas que aguçam a curiosidade das alunas. O episódio narrado constitui uma curiosa amostra de metodologia de ensino de literatura e paraleliza a situação narrativa entre a paixão do professor pela aluna, da paixão literária que salta do cancionero português para a realidade daquele Colégio Interno:

Algumas cantigas de amigo do velho trovador causaram tanto sucesso que, a um apelo unânime, tive de escrevê-las ao quadro-negro, para que pudessem ser copiadas. Sinhazinha Fernandes pediu, de preferência, aquela em que a donzelinha apaixonada sai a interrogar as coisas, em torno, sobre o paradeiro do namorado.

.....
Houve sorrisos maliciosos na sala, mas Sinhazinha, imperturbável, quis ainda copiar outra (...).

.....
O riso tornou-se geral, quando, a pedido da irrequieta Vanda Lopes, escrevi no quadro um cantar de D. Afonso Sanches, bastardo do rei, no qual a dona que se supôs traída ajusta, com a amiga, um arдил para averiguar a fidelidade do amado. (ANJOS, 1963, p. 9-10)

⁴ São exemplos de literatos e funcionários públicos, além de Cyro dos Anjos: Bernardo Guimarães, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, João Ubaldo Ribeiro de muitos outros.

Apreende-se, pelas palavras e pela interpretação possível, que o velho trovador está para Abdias como a amada está para a menina Gabriela. Na realidade, toda palavra (desse texto ou de outros) comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém com um determinado objetivo. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. “Toda palavra serve de expressão de um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. (...) A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 1981, p. 113).

Mais adiante, Abdias volta a se referir às freiras que compartilham os nomes das personagens colocadas em Abdias e do conflito que se aprende a partir do que era ensinado nos livros:

Já não me achava na salinha do Colégio, onde, apinhados em torno de Soeur Blandine, os meninos aprendiam a soletrar e contar, ao passo que a freira, com uma talisca, lhes ia removendo o luto das unhas. Também não contava a meu lado com a sábia Eli, tão versada nas coisas que os livros ensinavam. Sozinho na carteira, teria de me arranjar comigo mesmo e, naturalmente, sentia-me desamparado e aflito. (ANJOS, 1963, p. 48-49)

Pode-se perceber que, se o espaço é o mesmo, e algumas personagens compartilham os nomes, a situação difere: Abdias sente-se bem na escola onde leciona, enquanto que o menino Cyro dos Anjos recorda cenas opressivas e sua solidão. O contraponto sugere que a ação de Abdias não é apenas imaginária; ela aponta para um modo de ensinar literatura, provavelmente o que o escritor considerava melhor ou mais adequado.

Os sujeitos falantes são, para Bakhtin, indivíduos reais e concretos que interagem por meio de um conjunto de signos variáveis e flexíveis que se adequam à realidade concreta dos enunciados. Na concepção *bakhtiniana*, o que importa não é a relação do signo com outros signos dentro do sistema da língua, e, sim, a relação do signo com o sujeito falante, com o contexto e com os outros enunciados.

Para Bakhtin a palavra assume uma significação fixa apenas dentro do sistema lingüístico, distante do outro e do contexto em que se realiza a interação. Destaca o aspecto não arbitrário, assistemático da linguagem, visto que a significação é social.

Vivemos num mundo imaginário, construído segundo os conceitos apriorísticos que formamos das pessoas e coisas que nos cercam. Neste sentido, a vida será efetivamente um sonho. Veremos as coisas não como são, mas conforme nosso espírito as concebe. Muitas vezes nos é dado, no curso dos dias, retificar alguns desses erros do conhecimento. Mas quantos outros, e às vezes substanciais, nos acompanharão até à morte? (*Abdias*, 1963, p. 256)

No âmbito da comunicação verbal que a palavra ganha significado, é no âmbito do dialogismo que o enunciado estabelece relação com outros enunciados, caracterizando o fenômeno que Bakhtin chama de polifonia _ multiplicidade de vozes e consciências que perpassam o texto ou o discurso: numa mesma construção ressoam duas ou mais vozes.⁵

Roland Barthes afirma que

O autor, quando se crê nele, é sempre concebido como o passado de seu livro: o livro e o autor colocam-se por si mesmos numa mesma linha, distribuída como um *antes* e *depois*: considera-se que o Autor *nutre* o livro, quer dizer que existe antes dele, pensa, sofre, vive por ele; está para a sua obra na mesma relação de antecedência que um pai para com o filho. Bem ao contrário, o escritor moderno nasce ao mesmo tempo que seu texto; não é, de forma alguma, dotado de um ser que precedesse ou excedesse a sua escritura, não é em nada o sujeito de que seu livro fosse o predicado; outro tempo não há senão o da enunciação, e todo texto é escrito eternamente *aqui* e *agora*. (BARTHES, 1988, p. 68)

Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, Bakhtin assevera que a linguagem não é um sistema acabado, mas um contínuo processo de vir a ser e, neste caso, a palavra está presente em todos os atos de compreensão e interpretação: ela é “uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apóia sobre mim numa extremidade, na outra apóia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 1999, p. 113).

⁵ O termo polifonia foi introduzido por Bakhtin, na ciência da linguagem, para caracterizar o romance de Dostoievski.

Os estudos de Bakhtin relacionados à natureza dialógica, polifônica e sociointeracional da linguagem trazem implicações para a educação e favorecem reflexões acerca do aprendizado de língua materna, construção do conhecimento, papel do professor e do aluno.

A referência memorialista (o romance em epígrafe é do gênero diário) estaria intrinsecamente ligada à recuperação do passado através das lembranças, porém não teria o compromisso de retratar o autor (ou o personagem literário) e suas peculiaridades.

Não quero fazer-me pior, nem melhor. Desde que venho escrevendo neste caderno minhas confissões (precisamos confessar-nos ainda que a nós mesmos!) e que o simples diário do professor, destinado aos conhecimentos da vida escolar, se tornou repositório de tudo quanto acontece comigo, minha única preocupação tem sido com a fidelidade. Às vezes, me sai uma página apaixonada, em que me deixo arrastar pelas palavras; mas logo volto atrás, risco tudo, começo de novo, até que a verdade se mostre pura, despojada do que a imaginação lhe acrescenta. (ANJOS, 1963, p. 103)

O diário, que surgiu entre os séculos XVIII e XIX, é uma das modalidades da escrita autobiográfica, que se subdivide ainda em: memórias, correspondências e confissões. Alguns críticos, como Phillipe Lejeune, afirmam que a escrita autobiográfica pertence ao discurso pragmático e não ao ficcional, já que visa a descrever o perfil do autor vinculando-o com a sua realidade, ao mesmo tempo em que faz referências e busca pontos de afinidade com o mundo exterior.

O tom confessional do diário dá ao relato maior verossimilhança, colocando o leitor em contato com uma narrativa repleta de fatos completamente subjetivos e sucessivos, teoricamente. Esse aspecto ressalta o íntimo do narrador e os acontecimentos que em seu julgamento merecem descrição. Muitas vezes esses fatos nem são os mais importantes do dia, mas sim àqueles que darão veracidade à entonação da narrativa.

O texto sugere a formação de uma identidade aberta que se percebe como possibilidade de criação de novas identidades, produzindo sujeitos capazes de articular sua própria elaboração discursiva direcionada não a uma narrativa particular, mas a uma

narrativa que se pretende coletiva, que reclama por transformações sócio-culturais através da desconstrução do discurso paradigmático.

Na verdade, o que podemos observar que o professor é focalizado sob o ponto de vista social, quanto institucional e pessoal. Dessa forma, o professorado tem tido que aprender a conviver mais intensamente aos interesses e pensamentos da direção escolar, dos alunos e pais no cotidiano escolar e a ter uma maior interação com a comunidade que circunda a escola.

Escrever a respeito da figura do professor parece mais complexo do que se pode imaginar e, certamente a complexidade aumenta quando o parâmetro para a definição parte do princípio de que é aquele que tem o papel de ensinar. Neste verbo *ensinar* temos muitos pressupostos: em primeiro lugar está a concepção que este profissional do ensino tem uma identidade e nela sua opção pelo magistério (perceptível em Berta, a protagonista do romance *Til*, de José de Alencar); em segundo lugar que é um profissional que tem o papel de levar o conhecimento construído e herdado pela humanidade a todos os cidadãos (aí encaixamos o nosso Abdias); em terceiro lugar é um profissional que não tem sido alvo de políticas públicas que valorizem sua escolha profissional (por exemplo, a professora Fräulein do modernista Mário de Andrade, *Amar Verbo Intransitivo*) e uma educação essencialmente de qualidade e, em quarto lugar, é um profissional que precisa investir continuamente em sua formação, casos não contemplados nas obras elencadas.⁶

Minimamente, o funcionário público Abdias apresenta um o gosto duvidoso pelas letras, encanta ao redigir textos na repartição onde despacha e quando fala em rodas sociais _ mas não tem formação específica para a Educação. Isso, somente, lhe dá um certo grau de nobreza frente aos seus pares no início. Depois, é que se torna, de fato, um educador não sendo aprisionado às convenções sociais.

No romance de Cyro de Anjos, o colégio das irmãs Ursulinas alegoriza um reduto da aristocracia belo-horizontina, cujo ingresso concede certo estatuto de nobreza às famílias das moças ali internadas. Nem poderia ser diferente vez que a obra retrata, metaforicamente, a repressão pela qual o país vivia (Governo de Getúlio Vargas e

⁶ Menção a alguns “educadores” (protagonistas que exercem a profissão) presentes nas páginas da literatura brasileira.

período pós-guerra) e as visitas excursões que o professor faz com suas alunas nos mostram esse contexto histórico:

Acompanhados do Manuel Pedro, fomos ainda a dois ou três barracões, nas proximidades. As respostas, anotadas por Gabriela, nada acrescentaram às do compadre, exceto de um ajudante de pedreiro, cujo padrão de vida é bem inferior e em cuja casa se passa fome, tão escasso é o alimento. Esta é a situação de numerosos operários menos qualificados, que não conseguem o salário de oficiais.

_ E como podem viver? _ perguntou Gabriela, compungida.

_ Arrastam-se pela vida, desnutridos, e geralmente morrem cedo _ respondi. _ Sucumbem à primeira enfermidade grave. (ANJOS, 1963, p. 93)

O romance acompanha o crescimento da paixão impossível do professor pela aluna, até que ela escape de sua órbita e case com um jovem. Página memorável do livro é aquela em que, morta a esposa, Abdias inicia um retrato de sua solidão. Sem esposa e sem a paixão impossível, havia se tornado um notável educador.

Carlota, a vida é um tecido de equívocos. Foi preciso que morresses, para eu saber que te amava e que éramos felizes, na monotonia dos nossos dias. Nessa monotonia, formada de coisas simples e permanentes, encobria-se a felicidade.

A sede de coisas novas levam-nos a desconhecer nosso próprio bem. Fugindo ao que parecia medíocre, perdi-me num mundo de aparências enganosas.

Agora, a solidão fez de mim sua presa. Que terrível e opressiva solidão, Carlota! Ao entrar no quarto deserto, tento iludir-me, imaginando que te vou encontrar e que sendo a vida um sonho, tua morte foi um sonho dentro de um sonho. (...)

Que desgraçado egoísmo, que miséria! Eu teria horror a mim mesmo, se não me consolasse a idéia de que o sentimento impuro nasce como a erva daninha no coração de todo ser humano e que só o pensamento amadurecido se pode apurar nossa culpa.(ANJOS, 1963, p.139-140).

A paixão obsessiva em *Abdias* provoca interpretações diversificadas, pois sabemos que a literatura reflete a realidade e influencia no nosso comportamento. Mas a dor (res)sentida pelo protagonista em questão é extensiva a sua condição de homem frente ao mais antigo dos sentimentos: a paixão idealizada.

Abdias, que entrou em uma sala fria de um Colégio tradicional, termina por oferecer aos discípulos leitores uma visão pessimista de sua vida. No entanto, humaniza a condição do homem-professor que poderia ter sido e relata a possibilidade das pessoas sempre estarem aprendendo com os relatos (ficcionais ou não) das salas de aula.

A formação literária, poética, artística, humanizadora, jamais envelhece, e continuará sendo a melhor orientação para descobrirmos novos rumos. E o motivo é simples: somente sendo seres humanos poderemos retornar o antigo rumo: humanizar o ser humano.

Uma sala de aula desumanizada é uma sala de aula desumanizadora. Um sala de aula sem arte, sem criatividade, sem literatura... é um espaço frio, ou demasiado quente, barulhento e, não raro, violento. Se o contrário, numa sala de aula, professor e alunos se esforçam por humanizar-se, certamente assistiremos ao progresso mais importante. (PERISSÉ, 2006, p. 137)

Observada dessa forma, é necessário que se resgate esses e outros personagens Professores e Educadores, para nos espelhar e procurar ir além de suas limitações, buscando um intercâmbio interdisciplinar, a partir de textos teóricos da educação e textos literários e que o Professor - Educador sensibilize seus pares para a qualidade de ensino, tão importante nos dias de hoje. Também as instituições educacionais deveriam incentivar a prática da Literatura, sendo o ponto de partida para formação do leitor de modo geral e da leitura prazerosa sem se desvincular do modo de produção ou do contexto a que estão inseridas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALMEIDA, Manuel Antônio de. **Memórias de um sargento de milícias**. Brasília: Editora da Universidade Nacional de Brasília, 1963.

ANJOS, Cyro dos. **Abdias**. São Paulo: Círculo do Livro, 1963.

- BARTHES, Roland. **O Prazer do Texto**. São Paulo: Perspectiva, 1977.
- BAKHTIN, Mikhail/ VOLOCHINOV, V. N. **Questões de Literatura e Estética, A Teoria do Romance**. São Paulo: Annablume, 2002.
- _____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. Ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BRAIT, B. **Bakhtin, Dialogismo e Construção de Sentido**. Campinas: Unicamp, 1997
- CANDIDO, António. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Nacional, 1974.
- DANTAS, Luiz. **Amar sem aulas práticas**. O Estado de São Paulo, São Paulo, 16 set. 1984, Cultura, p. 6-7.
- DREYFUS, H. & RABINOW, P. **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica**. São Paulo: Forense Universitário, 1995.
- LAJOLO, Marisa. **Como e por que ler o romance brasileiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- LARROSA, Jorge. **Pedagogia Profana – Danças, piruetas e mascaradas**. Porto Alegre: Contrabando. 1998.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. de Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas : Editora da Unicamp, 1997. Edição original 1975.
- PERISSÉ, Gabriel. **Literatura e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- SEVERINO, A. J. (2000). A nova LDB e a política de formação de professores: um passo à frente e dois atrás... *In*: FERREIRA, N. S. C. e AGUIAR, M. A. da S. (orgs.). **Gestão da educação: impasses, perspectivas e compromissos**. São Paulo: Cortez.
- STEPHANOU, Maria & BASTOS, Maria Helena Câmara (orgs). **Histórias e memórias da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2004. (Volume 1)
- VENTURELLI, Paulo. **A literatura na escola**. Revista Letras, n. 39, Curitiba, p. 259-269, 1990.
- <http://www.oei.es/quipu/brasil/historia.pdf> Acessado: em 06 de outubro 2011.